

As notas de rodapé e a escrita de Gilberto Freire em *Sobrados e Mucambos*

Eliézer C. de Oliveira*

Resumo

A proposta deste texto foi a analisar as notas de rodapé presentes em *Sobrados e Mucambos*, considerando-as uma fonte importante para analisar a presença da subjetividade do autor no texto. Desse modo, analisou-se as notas como um importante artifício retórico argumentativo utilizado pelo autor, não sendo apenas apêndices do texto, mas, sim, indícios e sinais (Ginzburg) da presença da sensibilidade do autor no texto.

Palavras-Chaves:

Gilberto Freyre – Sobrados e Mucambos – Notas de rodapé

Introdução

Este texto** tem como objeto de análise as notas de rodapé do livro *Sobrados e Mucambos*, publicado por Gilberto Freyre em 1936. Tomar as notas como objeto não significa reduzir a complexidade do pensamento do autor a uma análise circunscrita às notas de rodapé, mas permitir uma inversão no padrão formal de leitura, priorizando o texto periférico para uma análise do texto principal. Freyre foi um “notemaníaco”, recheando seus textos de centenas de notas, talvez como uma forma de procurar compensar a limitação e o enquadramento que o processo de escrita produzia no seu pensamento. O pensamento de Freyre nunca coube perfeitamente no papel e, por isso, ebulia, como um melado quente dos tachos dos engenhos, escorrendo do papel no formato de notas de rodapé.

* Professor do Curso de História e do Mestrado em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado, da UEG, em Anápolis. Doutor em Sociologia pela UnB.

** A apresentação deste texto, neste evento, contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás – FAPEG.

No caso de *Sobrados e Mucambos* (daqui para frente: *S&M*), a quantidade de notas utilizadas é bem menor do que em *Casa Grande e Senzala*, quando perfazia – na 31ª edição – 124 páginas, contra 350 páginas do texto principal. No entanto, mesmo assim, é significativo o número de páginas em *S&M*, como se vislumbra na tabela abaixo:

Tabela 1 – Estrutura de *Sobrados e Mucambos* (em número de páginas)

Corpo principal do texto:		Corpo secundário do texto:		
Capítulos	Quantidade de páginas	notas	Número de páginas	Número de notas
Capítulo 1	23	Notas do capítulo 1	05	22
Capítulo 2	31	Notas do capítulo 2	09	37
Capítulo 3	25	Notas do capítulo 3	03	26
Capítulo 4	51	Notas do capítulo 4	09	35
Capítulo 5	83	Notas do capítulo 5	27	168
Capítulo 6	43	Notas do capítulo 5	02	50
Capítulo 7	36	Notas do capítulo 5	06	37
Capítulo 8	53	Notas do capítulo 5	23	73
Capítulo 9	54	Notas do capítulo 5	13	136
Capítulo 10	68	Notas do capítulo 5	20	147
Capítulo 11	58	Notas do capítulo 5	06	74
Capítulo 12	35	Notas do capítulo 5	03	27
Total:	560		126	832
(porcentagem)	77,5%	22,5%		

Fonte: confeccionada a partir da 15ª edição de *Sobrados e Mucambos* (Editora Global, 2004)

*Não foram consideradas as páginas dos prefácios e da bibliografia.

De acordo com a tabela, nota-se que, mais de 20% do imenso texto do livro, é composto pelas 832 notas de rodapé que totalizam 126 páginas. Essa significativa quantidade de texto das notas de rodapé geralmente não é bem aproveitada pelos leitores, compreensivelmente estafados pela densidade do texto. Nesse sentido, esse artigo vem

procurar sanar esse “desperdício de material”, aproveitando-o numa análise historiográfica de *S&M*.

S&M foi escrito em duas etapas. Em 1936, na primeira edição, Freyre escreveu os atuais capítulos que vão do 1 ao 5 e o 7 e 11. Em 1952, na segunda edição, o livro foi ampliado com a adição dos capítulos 6, 8, 9, 10 e 12, bem como as notas bibliográficas que não constavam anteriormente. O seu propósito era continuar a análise de *Casa Grande e Senzala* sobre a formação do patriarcalismo brasileiro no século XVI, abordando agora a realidade sócio-cultural brasileira dos séculos XVIII e XIX, quando se percebia o que o autor explicitou no subtítulo da obra: “decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano”.

Apesar do propósito explicitamente continuísta e de utilizar as mesmas metáforas arquitetônicas celebrizadas em *Casa Grande & Senzala*, o livro *S&M* não alcançou a mesma visibilidade da conseguida pelo seu predecessor. É possível quantificar essa menor visibilidade, comparando a tiragem das duas obras: enquanto *Casa Grande* já se encontra na 48ª edição, *S&M* se encontra na 15ª edição¹. Não apenas entre os leitores, mas também entre os comentadores de Freyre, nota-se que *S&M* é subestimada diante de *Casa Grande e Senzala*, como notou Sandra J. Pesavento (2006, p. 157) “Pode-se mesmo afirmar, sem risco de exagero, que, em termos de sua recepção, *Sobrados e Mucambos* viveu até hoje à sombra de *Casa-Grande & Senzala*²”.

Nesse sentido, é salutar e louvável o estudo de Jesse de Souza (2000) em *Modernização Seletiva*, colocando *S&M* como paradigma de uma análise da modernização brasileira que rompe com os critérios rígidos e fechados defendidos por um grupo de autores, como Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, Roberto da Matta. Eles seriam os principais representantes da chamada *sociologia da inautenticidade*, que postula a tese de que a modernização brasileira é inautêntica, artificial, uma mudança da forma, preservando o

¹ Isso não significa que *Sobrados*, em termos absolutos, vendeu pouco. Poucos livros acadêmicos conseguem ultrapassar a casa das 15 edições no Brasil. Um dado interessante, para efeito comparativo, é observar que *Formação do Brasil Contemporâneo*, outro clássico da historiografia brasileira, está na 22ª edição. Nesse critério, encontra-se mais próximo de *Sobrado* do que de *Casa Grande*.

² Dentre os que preferem *S&M*, destaca-se Leonardo Dantas Silva (2003, p. 238): “Nada contra aos que, originários da zona rural, têm suas predileções por *Casa-Grande & Senzala*; para mim, nascido e criado na cidade do Recife, encontra-se em *Sobrados e Mucambos* o mais encantador da obra de Gilberto Freyre.”

conteúdo. Essa leitura, por demais crítica da modernização brasileira, é consequência de se pensar a modernização, tendo como modelo o processo ocorrido na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, que é diferente do ocorrido no Brasil.

O papel inovador e original de *S&M* está no fato de possibilitar uma análise da modernização brasileira, afastando-se dos modelos da *sociologia da inautenticidade*. Neste livro, Freyre defende a tese de que a modernização brasileira é *seletiva*, ou seja, elegem-se aspectos a modernizar e aspectos a conservar. Nesse sentido, o livro afastaria da tese da “ausência” ou da “precariedade” da modernização brasileira, demonstrando um efetivo processo de mudança ocorrida no Brasil no século XIX, quando a Abertura dos Portos permitiu a entrada de valores, mercadorias e máquinas européias, principalmente inglesas, no Brasil. Isso fez com que ocorresse uma efetiva transformação na sociedade patriarcal brasileira, diminuindo as características oriental, africana e indígena e aumentando as inovações modernizadoras europeias. No entanto, muitos desses valores tradicionais não foram extintos, convivendo lado a lado com os modernos. Isso não implica afirmar que a modernização brasileira é *inautêntica*; ela é apenas diferente, como são diferentes a modernização alemã, a japonesa, a norte-americana, dentre outros. Com essa análise, Jessé de Souza dá um novo *status* a *S&M*: de “apêndice” de *Casa Grande* torna-se o livro fundamental para se estudar a modernização brasileira ocorrida no século XIX.

O confronto entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda também foi explorado por Elide R. Bastos no artigo “Raízes do Brasil – Sobrados e Mucambos: um diálogo”, no qual a autora ressalta que as duas obras publicadas em 1936 demonstram perspectivas diversas da interpretação da realidade brasileira. Apesar de ambas terem como tema central a urbanização brasileira, elas divergem sobre o alcance dessa urbanização: Freyre pensa uma urbanização convivendo com características patriarcais; já Holanda, pensa uma urbanização que elimina as características patriarcais. Em suma, enquanto Freyre destaca a “plasticidade de setores do patriarcado que foram capazes de lutar por certas medidas que pareciam ir contra os seus interesses” (Bastos, 2005, p. 29), Holanda rejeita qualquer possibilidade de a família patriarcal gerar um Estado racional. Enfim, o artigo demonstra o quanto a divergência

entre os dois autores foi salutar para que ambos solidificassem os seus argumentos e os incorporassem nas posteriores revisões que fizeram em suas obras.

Indício de que há uma tendência, entre os estudiosos, de “redescobrir” e valorizar *S&M* foi a publicação de *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*, organizado por Antônio Dimas, Jacques Leenhardt e Sandra J. Pesavento, cujos artigos referem-se, em sua maioria, a essa obra.

No artigo “Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre”, Jacques Leenhardt postula uma análise de *S&M* próxima ao propósito deste artigo, analisando os elementos não propriamente textuais dessa obra. Um desses elementos são os prefácios, escritos pelo próprio Freyre, em que se percebe a sua função retórica:

O prefácio apresenta a imposição de mais um código, já que nele o autor exerce uma pressão e utiliza o seu poder de persuasão sobre o leitor, para que acolha e aceite seus argumentos, com o que se reforça a função de veracidade do enunciado. (Leenhardt, 2006, p. 116).

Outro aspecto retórico utilizado por Freyre são os testemunhos pessoais do autor, pretendendo convencer o leitor pela força do testemunho ocular. Leenhardt teve grande sagacidade, ao utilizar as dedicatórias de *Casa-Grande e Senzala* e *S&M* para documentar a diferença de abordagem das duas obras. A primeira é dedicada aos avôs de Freyre, com o nome completo dos quatro citados no texto; na segunda, dedica-se apenas ao pai e mãe (sem citá-los nominalmente) destacando o sobrado “já demolido” onde viveu e escreveu a obra. Para Leenhardt, isso indica que “a escritura de *Sobrados e Mucambos* é feita na soleira de um mundo morto, moribundo, acabado” (idem, p. 151). Outro elemento pré-textual utilizado por Leenhardt em sua análise é o uso do “&” e do “e” no título de suas duas obras:

Para sublinhar o aspecto conjuntivo do “e” no contexto do equilíbrio social, forçado e forte, de *Casa-Grande & Senzala*, Freyre utiliza o “e” comercial - & -, um símbolo, que manifesta no seu desenho, a idéia do nó. Já em *Sobrados e Mucambos*, onde domina a idéia da tensão entre vários universos, constantemente obrigados a reconstruir um equilíbrio tão frágil utiliza o “e” com toda a sua ambigüidade. (idem, p. 153).

Com isso, Leenhardt demonstra o quanto a análise dos elementos pré-textuais pode ser reveladora de uma perspectiva específica de escrita da história.

No artigo “O cativo de Clio: narrativa entre memória e história”, Sandra J. Pesavento, também analisando os prefácios de *S&M*, destaca que o texto de Freyre é

construído sobre três alicerces argumentativos: a sua estupenda erudição, o rigor científico na citação de fontes e obras de referência e as ousadias da imaginação. Nesse último aspecto, destaca a utilização das lembranças pessoais para compor o cenário do passado brasileiro.

Segunda Pesavento,

Na verdade, Freyre se vale das suas recordações de infância, da sua vida no nordeste brasileiro e também da sua rede familiar e de amigos. Freyre quase poderia dizer: “eu vi, foi assim”, valendo-se, portanto, do seu próprio testemunho. (Pesavento, 2006, p. 158).

Essas passagens em que a experiência pessoal do autor aparece como um argumento retórico para convencer o leitor faz com que os limites entre História e Memória se mesquem, aproximando a história da ficção.

Também analisando os prefácios de *S&M*, Sandra G. T. Vasconcelos, no artigo “O que se diz no princípio: uma leitura dos prefácios” discute uma questão inquietante e interessante: se Gilberto Freyre, sempre orgulhoso de suas produções intelectuais, sabia do pioneirismo e da consistência de *S&M*, então por que escreveu tantos prefácios³? Para a autora, esses múltiplos prefácios seriam uma forma de o autor conversar com leitores de diferentes épocas, mantendo a sua obra atualizada dentro dos diferentes contextos temporais, abrangendo um período de 44 anos, desde a primeira edição em 1936 até a sexta e última edição em vida de Freyre em 1980. Além disso, os prefácios permitem “acesso privilegiado a desdobramentos de idéias e proposições desenvolvidas no corpo da obra, que ocorreram a seu autor num momento de pós-escritura, a partir da necessidade de se explicar, se justificar ou esclarecer pontos que julgava obscuros na sua argumentação.” (Vasconcelos, 2006, p. 179).

Inspirando-se no artigo de Sandra Vasconcelos, poder-se-ia perguntar: até que ponto as notas de rodapé são pertinentes para uma abordagem de *S&M*? A resposta passa por uma constatação de que o uso das notas de rodapé, como instrumento de análise historiográfica, é relativamente inusitado, mas, de modo algum, descabido.

As notas de rodapé são um recurso textual bastante antigo. O seu uso documentado remonta aos comerciantes fenícios da Antiguidade que colocavam notas nos papiros, com o objetivo de aprimorar as explicações das transações comerciais. Heródoto as utilizou com

³ Na verdade, foram quatro prefácios, à primeira, segunda, terceira e sexta edições e uma introdução à segunda edição.

maestria no seu texto como um belo artifício retórico, sendo que, para muitos, elas são até mais interessantes do que o próprio texto principal. Os intelectuais do Império Romano faziam uso intenso das notas. Na Idade Média, a Igreja se utilizava das notas para explicar aos recém-convertidos e pouco alfabetizados líderes políticos europeus aspectos específicos da religião cristã⁴.

Já as modernas notas de rodapé estão relacionadas às inovações técnicas que acompanharam a difusão do livro no ocidente: utilização da ordem alfabética para ordenar verbetes de dicionários e enciclopédias, uso do sumário e do índice para informar sucintamente ao leitor sobre os assuntos, publicação de obras de referências sobre determinados assuntos, etc. A partir do século XVII, as notas de rodapé tiveram um significado especial para o conhecimento histórico, pois foram usadas como instrumentos de objetividade e de erudição crítica.

Entre os historiadores, o surgimento da indução estava ligada ao desenvolvimento da nota de pé de página. O termo ‘nota de pé de página’ não deve ser tomado literalmente. O importante era a difusão da prática de dar algum tipo de orientação ao leitor de um texto particular sobre aonde ir para encontrar a evidência ou informações adicionais, fosse essa informação dada no próprio texto, à sua margem (“nota lateral”), ao pé (“nota de página” ou “de rodapé”), ao final ou em apêndices especiais de documentos. (Burke, 2003, p. 184).

O método crítico dentro da historiografia postulava que a verdade do texto era garantida pelo aval das fontes⁵. Nesse sentido, a ligação entre fontes e texto era feita por meio de notas, já que forneciam ao leitor cético o “endereço” onde encontrar as fontes originais. Posteriormente, a partir do século XVIII, as notas serviram também para o diálogo entre os pares, quando por meio delas os historiadores mostravam concordância ou discordância com pesquisas efetuadas por colegas. Desse modo, atualmente as funções das notas de rodapé, no trabalho histórico, são de natureza diversa: referenciar fontes de pesquisas, referenciar bibliografia de apoio, desenvolver de modo mais aprofundado certos tópicos do texto, fazer comentários irônicos, dentre outras coisas. No estágio em que se encontram as reflexões sobre a narrativa histórica atualmente, é temerário dizer que as notas de rodapé são avalistas da verdade do texto.

⁴ As informações desse parágrafo foram retiradas de GAERTNER, 2002.

⁵ A metáfora “fontes” é ilustrativa desse ideal de verdade, já que pressupõe que o conhecimento histórico do passado flui para o presente. (Rüsen, 2007, p. 104).

O pressuposto de que as notas de rodapé são elementos importantes para a compreensão melhor do texto principal de *Sobrados e Mucambos* se fundamenta naquilo que Carlo Ginzburg chamou de “método indiciário”. A sistematização desse método foi inspirada na descoberta do crítico de arte Giovanni Morelli que percebeu que, para distinguir uma obra de arte falsa da verdadeira, era de fundamental importância examinar “os pormenores mais negligenciáveis: os lóbulos da orelha, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés” (Ginzburg, 1989, p. 144). A partir daí, o autor vai mostrar um rol de disciplinas e práticas culturais que fazem uso de indícios para atingir o conhecimento: os caçadores, os médicos antigos, os detetives. As notas de rodapé podem – então – ser consideradas indícios e sinais reveladores da forma de argumentar de determinado autor e de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade” (idem, p. 178).

Um dos poucos estudos disponíveis sobre as notas de rodapé na historiografia é o trabalho de Anthony Grafton, *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre as notas de rodapé*. Neste livro, o autor compara o uso das notas de rodapé no texto histórico com o banheiro:

Como o banheiro, a nota de rodapé moderna é essencial à vida histórica civilizada; como o banheiro, ela parecer ser um assunto entediante para a conversação polida e chama a atenção, na maioria das vezes, quando funciona mal. Como o banheiro, as notas de rodapé descem suavemente pela tubulação – muitas vezes, recentemente, nem mesmo no pé da página, mas no fim do livro. (Grafton, 1998, p. 17).

A metáfora do banheiro é bem pertinente para se pensar as notas como um artifício subterrâneo, presente na narrativa histórica. Por meia dessa abordagem subterrânea, pretende-se analisar os seguintes aspectos: o uso das notas de rodapé por Gilberto Freyre como um artifício retórico e argumentativo; o uso das notas de rodapé como referências às fontes e à bibliografia de apoio.

As notas de rodapé como artifício retórico e argumentativo

O uso de notas de rodapé pelos historiadores tem sido associado ao esforço dos historiadores alemães da Escola Histórica do século XIX, liderados por Leopold Ranke, de dotar a disciplina História de parâmetros de objetividade e cientificidade. Nesse sentido, são

pertinentes as colocações de Charles Carbonell sobre a revolução metodológica desta escola histórica:

Há que reter o método que associa erudição e escrita, que narra e explica, que nem julga nem filosofa, que retira a sua substância de fontes primárias extraídas dos arquivos e das bibliotecas. Ranke escreveu obras sólidas, isto é, precisas, pormenorizadas, logo volumosas, mas também bastante apoiadas tipograficamente em referências em pé de páginas que remetem para os documentos. (Carbonel, 1987, p. 104).

Contudo, apesar desse esforço quase religioso em usar as notas de rodapé como instrumento de comprovação da veracidade empírica da pesquisa, o uso das notas possuía uma função retórica paralela a sua função científica. Retórico, não no sentido profundo em que foi descrita por Aristóteles, mas no sentido negativo do termo, remetendo a adornos desnecessários e sem conteúdos. O próprio Ranke, na sua juventude, demonstrou o uso meramente retórico das notas de rodapé em uma de suas primeiras obras: “evitei cuidadosamente apresentar notas explicativas. Mas senti que as citações eram indispensáveis na obra de um iniciante que deve abrir caminho para si próprio e convencer” (Ranke apud Grafton, 1998, p. 64).

O fato de o próprio Ranke, o aclamado “pai da história científica”, admitir o uso meramente retórico das notas de rodapé, demonstra que isso é uma estratégia usualmente utilizada pelos historiadores de modo consciente – como no caso do alemão – ou inconsciente – presumidamente na maioria dos outros casos.

No que se refere a Gilberto Freyre, um autor sempre preocupado com as críticas sobre o seu trabalho, é plausível admitir que o grande número de notas de rodapé utilizadas em suas obras possui a função retórica de convencer o leitor da autoridade do autor na sua argumentação. De acordo com Hans-Georg Gadamer, a autoridade pode ser negativa, quando se confia cegamente nos argumentos do outro, sem fazer “uso da própria razão”; ou positiva, quando se reconhece “que o outro está acima de nós em juízo e perspectiva e que, por conseqüência, seu juízo precede, ou seja, tem primazia em relação ao nosso próprio” (Gadamer, 1997, p. 419). No caso das obras de Gilberto Freyre e das demais obras historiográficas, a autoridade do texto não visa fazer que o leitor abdique-se da sua razão; pelo contrário, espera-se que o leitor faça uma leitura crítica do texto, que implica a aceitação ou não da argumentação do autor. Nesse aspecto, os textos acadêmicos diferem dos textos

dogmáticos religiosos, no qual pressupõe por parte do fiel a aceitação prévia da verdade emanada do texto.

Porém, é inegável que muitas vezes a quantidade das notas e das referências bibliográficas nacionais e estrangeiras convence por si só. Em um autor proficiente como Gilberto Freyre, corre-se o enorme risco de a sua erudição sufocar o leitor. Como um sagaz antropólogo e, por isso, amplo conhecedor dos símbolos de prestígios sociais que permeiam a relação dos humanos com o mundo, fazia questão de exibir os indicadores de seu internacional prestígio intelectual⁶. No caso das notas de rodapé, a mera quantificação do material utilizado na pesquisa é impressionante, denotativa do esforço metódico na produção de S&M, conforme se visualiza a seguir:

Tabela 2 – Classificação das referências documentais e bibliográficas em *Sobrados e Mucambos*

Tipo de referência	Descrição	Quantidade
DOCUMENTOS HISTÓRICOS	a. Documentos sem indicação do local onde foram pesquisados	13
	b. Documentos históricos publicados por anais, revistas, jornais, etc.	35
	c. Documentos pesquisados em Arquivos, Bibliotecas, Cartórios, Igrejas, etc.	112
	d. Livros de viajantes, cronistas, naturalistas, etc. publicados em língua estrangeira	119
	e. Livros publicados em português (Memória, tratados, história, relatórios, informes, etc.)	159
	f. Teses e artigos científicos	85
	g. Documentos pessoais e familiares (diários, cartas, fotografias, etc.)	27
	h. Obras literárias, poéticas e musicais (partituras)	12
	i. Almanques, revistas e guias de rua	23

⁶ De acordo com José Carlos Reis (2001, p. 51), “Freyre possui todos os títulos, prêmios e honras acadêmicas de quase todas as grandes universidades do mundo, o que ele não se cansa de lembrar e recitar”. No preâmbulo de uma entrevista a revista *Veja*, o entrevistador percebeu o “vistoso anel de doutor pela Universidade de Columbia” que Freyre orgulhosamente utilizava (Bastos, 1981). Outro símbolo de prestígio acadêmico que o autor utiliza de modo recorrente é a gravura das capas de suas obras traduzidas no exterior. No caderno de imagens da 15ª edição de *Sobrados e Mucambos*, consta-se a reprodução das capas da edição do livro em Portugal (1962), Estados Unidos (1963), Itália (1972) e Alemanha (1982). Para desanuviar qualquer impressão de ingenuidade do antropólogo diante do que poderia ser considerado como “trivialidades simbólicas”, basta observar a agudeza com que ele trabalhou os símbolos de prestígio social em *Sobrados e Mucambos*, analisando com perspicácia o uso do sapato, da barba, do cabelo longo, das unhas cumpridas, da bengala, das esporas de prata, da dimensão das casas, pela aristocracia brasileira para se diferenciar de escravos, mulatos e brancos pobres.

	j. Jornais	84
	TOTAL DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS	658
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	a. Livros publicados em português	280
	b. Livros publicados em língua estrangeira	143
	c. Artigos de anais, jornais, periódicos publicados em português	114
	d. Artigos de anais, jornais, periódicos publicados em língua estrangeira	78
	TOTAL DA BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	615
	TOTAL GERAL	1273

A eloquência da referência documental e bibliográfica em *S&M* ultrapassa o hiperbolismo dos números (embora poucos autores, em termos mundiais, conseguiram essa espantosa marca de mais de 1200 referências⁷). No entanto, reduzir essa extraordinária erudição, mapeada pelas referências das notas de rodapé, a apenas ao efeito retórico é subestimar a profundidade da argumentação de Gilberto Freyre e a capacidade de discernimento crítico de seus leitores. O efeito retórico das notas existe, mas ele não é o mais importante no trabalho do historiador. As referências às notas demonstram a capacidade de o autor transformar os vestígios do passado em uma narrativa histórica, com argumentos consistentes e dialogar com outros historiadores. Esse é o efeito argumentativo que se percebe na utilização das notas de rodapé. Por isso, vale à pena deter-se um pouco mais, fazendo uma análise “exterior” e “interior” desse material de referência utilizado por Freyre neste livro. Esclarece-se que, nesse texto, por causa das limitações de espaço, foram analisados apenas os “documentos históricos”.

A presença da subjetividade na utilização de documentos pessoais e familiares (diários, cartas, fotografias, etc.)

Para visualizar a presença da sensibilidade na escrita de Freyre, selecionou-se os documentos históricos presentes em *S&M*, relacionados à memória pessoal e familiar, principalmente de arquivos de parentes ou conhecidos do autor. Destacam-se os Arquivos da

⁷ Um desses autores, conforme a observação de Valdeci Araújo, foi o inglês Thomas Buckle, autor da *História da civilização na Inglaterra*, em que “a lista de autores citados no primeiro volume, que é aposta logo no início, ocupa nada menos que 14 páginas, com mais de mil títulos listados” (Araújo, 2010, p. 218).

família Alfredo Alves da Silva Freyre e Ulisses Pernambucano de Mello, avôs de Freyre. Ele aproveitou a sua proximidade com a aristocracia nordestina para conseguir “panfletos raros”, álbum fotografias, cartas pessoais, dentre outros documentos pessoais.

O uso desse tipo de fontes serviu para aproximar a História da memória, na qual as lembranças pessoais do autor ou de sua família ajuda a compor o cenário do passado reconstruído narrativamente. Para Leenhardt, “O testemunho do próprio autor-ator, herdeiro do sistema patriarcal/semipatriarcal, fica sendo a fonte mais legítima para o estudo considerado.” (Leenhardt, 2006, p. 152). É possível que Leenhardt tenha superestimado o valor da memória familiar ou individual em *S&M*, já que o uso desse tipo de fonte é bem inferior ao de outras fontes.

Por outro lado, é preciso reconhecer que esse tipo de fonte tem um papel estratégico na argumentação de Freyre. Um exemplo em que História e Memória se entrelaçam se vislumbra no texto a seguir:

Saint-Hilaire notou na cidade de São que era raro o sobrado em que as janelas não fossem envidraçadas. Luxo que raramente faltava aos sobradões mineiros. Ainda há poucos anos, vimos perto de Barbacena velho casarão de fazenda, ao que parece do século XVIII, com o terraço todo envidraçado. (Freyre, 1985, p. 192).

Nota-se que Freyre vale-se da sua lembrança pessoal para complementar o relato feito pelo viajante estrangeiro, reforçando a argumentação sobre o uso do vidro nas residências antigas.

Em outro momento, as lembranças da infância do autor mesclam-se com a memória de sua família: “uma das nossas mais fortes recordações de meninice é “a da loja, no Recife, de chapéus, chapéus-de-sol e bengalas, dos nossos parentes João e José de Sousa e Melo que eram, também, senhores do engenho São Severiano dos Ramos”. (Freyre, 2004, p. 523). Nesse caso, a memória serve tanto para mostrar um fato do passado – a grande amplitude do uso de chapéus – como também para vincular o autor a um grupo social específico – o dos senhores de engenho de Recife. Esse caráter aristocrático de sua origem social foi um dos principais motivos de crítica aos seus trabalhos, principalmente de marxistas, que o consideraram “um intelectual orgânico das elites dominantes em crise” e que “teria elaborado

uma visão senhorial do Brasil, relatando a saga da oligarquia rural, desnudando liricamente a sua vida íntima”. (Reis, 2001, p. 99). Essa crítica precisa ser relativizada, porque se for levada às últimas conseqüências, corroboraria uma perspectiva teórica segundo a qual as obras escritas pelos filhos das aristocracias não seriam legítimas – a não ser que relegassem a sua origem, como o fez Caio Prado Júnior. O fato de Freyre ter escrito a suas obras, olhando o passado da janela da casa-grande ou do sobrado, não tira a sua legitimidade como historiador, pois, conforme ensinou Gadamer (1997), todos olhamos o passado da nossa janela (ou horizonte). A diferença, no caso de Freyre, é que ele não se escondeu atrás das cortinas da objetividade; pelo contrário, fez questão de explicitar a sua origem, não envergonhando de seu passado e de seus parentes. Daí o uso das fontes memorialísticas em seu livro.

Enfim, o estudo das notas de rodapé mostrou os passos metodológicos que Gilberto Freyre utilizou na construção de *S&M*, permitindo uma análise historiográfica dos fundamentos da utilização das fontes pelo intelectual pernambucano. Desse modo, percebeu-se que as notas possuem uma função retórica, ao expressar uma autoridade do argumento por meio de referência às fontes documentais.

Bibliografia

ARAÚJO, Valdei. “Henry Thomas Buckle (1822-1862)” – Apresentação. In. MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História pensada: teoria e método da historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010. P. 217-225.

BASTOS, E. R. “Raízes do Brasil – Sobrados e Mucambos: um diálogo”. *Perspectivas*: São Paulo. V. 28, p. 19-36. Jul/dez. 2005. Disponível em: seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/download/13/6 Acessado em: 05 set. 2011.

BASTOS, Mauro. O anarquista construtivo. **Veja**. São Paulo, 04 jan. 1981. Disponível em: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/vida/entrevistas/anarquista_construtivo.html. Acessado em 07 set. 2011.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARBONELL, Charles-Olivier. *Historiografia*. Lisboa: Editorial Teorema, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. 7ª edição.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Editora Global, 2004. 15ª edição.

GADAMER, Has-Georg. *Verdade e Método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GAERTNER, Lisandro. “A História das Notas de Rodapé”. Rio de Janeiro: 2002. In. <http://www.digestivocultural.com>. Acesso em 19 mar 2008.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

LEENHARDT, Jacques. “Protocolos da escrita: as estratégias de Gilberto Freyre”. In. DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (org.) *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006. P. 145-155.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O cativo de Clio: narrativa entre memória e história”. In. DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (org.) *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006. P. 158-174.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil de Vanhargen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SILVA, Leonardo Dantas. “A paisagem mestiça em *Sobrados e Mucambos*”. In. KOMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; FERNANDA, Arêas Peixoto. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, SP: Edusc, 2003. P. 237-247.

SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva*. Brasília: UnB, 2000.